

O PARLAMENTO

A propósito do encerramento do período legislativo publicou ontem *O Seculo* mais um editorial de critica ao sistema parlamentar. Quasi toda a argumentação aduzida a termos nos aqui empregados, certos de que dizem verdades incontestáveis.

O órgão da U. I. E. repetiu ontem contra o parlamento as velhas razões condenatórias. Realmente o parlamentarismo está falido, uma nova ordem de cousas tem de suceder-lhe.

O triste espectáculo que há anos consecutivos no teatro de São Bento se repete é cada vez mais reles e nojento — e o espectador, o povo, começa a aborrecê-lo.

A esta conclusão chega qualquer pessoa de boa fé, e mesmo o sr. Trindade Coelho — sem auxilio das obras de seu Pai — já o disse também sem que ninguém o refutasse. S. I. de tal maneira a vista de toda a gente a inutilidade do parlamento que até o sr. Trindade Coelho o confessa, fazendo côco com o vulgo.

O *Seculo* de ontem viu tudo isso tomando para exemplo a última sessão legislativa desancou corajosamente o parlamentarismo.

Se não soubéssemos, porém, que motivos levam o órgão das "forças vivas" a tão arrojadadas conclusões diríamos que ele realizava uma obra útil criticando, assim, forte e feio, uma aberração social que está reclamando fim. Porém, para *O Seculo* o parlamento é mau porque não é totalmente constituído por "forças-vivas" ou seus delegados directos; porque não favorece tanto quanto eles ambicionam todos os interesses morais e inconfessáveis do comércio, da industria e da finança. Por isto, só isto, *O Seculo* não gosta do parlamento. Tanto assim, que no remate do artigo mal humorado vinha insinuando que o grande protesto a fazer contra aquela instituição seria agora, nas próximas eleições, ir às urnas eleger outro — que, provavelmente, fosse mais favorável às "forças-vivas" do que o anterior.

Pois nós entendemos que melhor protesto contra as instituições parlamentares é não eleger nenhuma. E' neste ponto apenas que temos o desgosto de discordar das doutrinas expandidas pelo *Seculo*.

A RENOVACAO VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

Notas & Comentários

A Sociedade das Nações

A Sociedade das Nações vai reunir em assembleia geral, no próximo mês de Setembro. De que irá ocupar-se este disforme monstro que só uma guerra tão monstruosa como a conflagração mundial podia ter gerado? Irá tratar do reconhecimento dos pequenos povos? Deve ser isso. Painel que preside a essa reunião não se esquecerá certamente de advogar com calor, com entusiasmo, com eloquência a causa dos rifenhos e fará realçar até às nuvens o procedimento de Abd-el-Krim que pretende expulsar do Rif os abutres militares e financeiros que dele se apossaram. A Inglaterra, por sua vez, não se esquecerá de reclamar a independência do Egipto, da Irlanda, da Índia e protestará, com toda a sua enorme força contra a exploração que capitalistas de várias nacionalidades e entre eles ingleses e americanos estão exercendo contra o povo chinês.

Vai ser uma assembleia geral histórica — dada a isenção dos que nela tomam parte.

Estupido intolerantismo

As Novidades entenderam que o artigo publicado no nosso "Suplemento" sobre a luta travada entre a igreja e uma associação modesta e precária ali para o largo do Intendente, se prestava a uma divergência feita em nome da sua religião de odio e de morte.

E fê-lo estupidamente chamando-nos mais intolerantes que os livre pensadores, esquecendo-se de que, tomando essa atitude, vinha colocar-se ao lado dos intolerantes que combatem a igreja católica.

E' assim o intolerantismo — cego até a mais prejudicial estupidez.

Espectáculo indecoroso

Num clube de batota ali para a rua da Glória exhibe-se diariamente um espectáculo de repugnante pornografia. Esse espectáculo é altamente ofensivo da dignidade humana e merece, por isso, a nossa condenação.

Não vá porém supor-se que os condemnamos pelas mesmas razões porque as Novidades o condenariam. Para as Novidades a vida humana está limitada por absurdos preconceitos, segundo os quais certos órgãos humanos são imorais. Para nós o corpo humano não é imoral. E o protestarmos contra o tal espectáculo pornográfico fazemo-lo por achar indecorosa a exploração dum preconceito — dum preconceito que faz nascer immoralidades e deboches de quem é bastante culpada a própria religião católica. Esta e outras baixezas que se praticam devem-se aos preconceitos de que os doutos padres da igreja católica imbuíram a humanidade.

A recompensa

Está constituída, no ministerio da guerra, e composta por officiaes superiores do exercito, uma comissão de recompensas para premiar os que se bateram contra os revolucionarios de 18 de Abril.

E' repugnante a maneira com que neste país se mostram as ideias dos individuos que tomam parte activa nas revoluções, para compartilhar nelas ou para as combater. Essas ideias são — o ventre. O revolucionario é um individuo que quer conquistar um emprego, o contra-revolucionario é o tipo classico e inferior do "videlrinho".

O ideal não passa duma profissão exercida, não por uma forte convicção, mas por

um palpite. Enquanto os mercenários que combateram o 18 de Abril estão preparando os documentos para se habilitarem a uma imoral retribuição, os que sincera e desinteressadamente se bateram, estão sofrendo por recompensa da sua generosa isenção, a deportação na Guiné e a prisão iniqua, acompanhada de agressões violentas e cobardes nos calabouços do governo civil e de várias esquadras. Conviém também recordar aqueles a quem a policia traiçoeiramente abateu a tiro.

De nenhum desses se occupará a comissão de recompensas, devido a já terem recebido uma excessiva recompensa.

A repressão e a batota

A policia assaltou ontem varios clubes de batota, não tendo descoberto em nenhum d'elles a roleta, os banqueiros e os pacóvios que perdem o dinheiro. O assalto não podia ter dado senão este negativo resultado, pois os clubes foram prevenidos com uma antecedência de três horas.

Resaltam aqui duas immoralidades: a da batota, que tem raízes fundas na iniqua estrutura económica da sociedade presente, e a da policia que tem sempre elementos que fazem da pretensa repressão do jogo uma repulente negociação.

A repressão do jogo é uma comédia em que tão cínicos são os batoteiros como aqueles que fingem persegui-los. São os ingenuos e que não consideram essa famosa repressão — uma batota em que elementos da policia jogam com a certeza antecipada de que nunca perdem nem arriscam capital.

Africanização?

A freguezia de Sêda encontra-se há bastantes dias sem serviço dos correios. E' o sindicato rural desta localidade quem nos comunica o estranho facto que nos obriga a perguntar se a Direcção Geral dos Correios, sintetizada no sr. António Maria da Silva, está pondo em pratica o plano de africanizar o país.

O conflito da Síria

ainda não ficou solucionado

BEYROUTH, 18. — Contrariamente aos boatos que têm corrido nenhum accordo foi concluído com os drusos, tendo as negociações girado apenas em volta da questão dos prisioneiros a libertar.

Prossiguem as negociações com os revoltosos

PARIS, 18. — Segundo telegramas da Síria, os drusos já fizeram entrega de numerosos prisioneiros franceses, prossiguendo as negociações para pacificação definitiva de toda a região.

As greves contra a redução de salários

LONDRES, 18. — Os trabalhadores marítimos, incluindo os maquinistas, deliberaram declarar-se em greve, no porto de Londres, como protesto contra a redução de salários.

Declararam-se em greve os trabalhadores das docas e os "chauffeurs" de camiões por causa da redução de salários.

CARTA DE ESPANHA

A ditadura militar e o direito de associação

MADRID, 15. — As mentiras escritas nos códigos e nas constituições foram inventadas para que o povo não despertasse da sua modorra e continue erguendo pedestais aos que têm interesse na crença dessas mentiras. Há já muito tempo que os trabalhadores espanhóis tem limitada a sua liberdade de associação, concedida pelas leis do Estado — segundo dizem alguns políticos — mas na realidade está demonstrado que esses direitos não existem.

E' claro que os trabalhadores espanhóis têm o direito de se organizar, de se associar e de se agrupar, mas esse direito é lhes concedido com excepções e limites e nunca com a liberdade desejada e de accordo com as suas ideias e fins: são principalmente os trabalhadores que não estão de accordo com as associações católicas, nem com os fariseus de Carlos Mora, que se acham privados dessa liberdade e de esse direito legal.

Desde que os generais se apoderaram do poder e que se converteram em salvadores da Pátria e dos seus cidadãos, o direito de associação ficou limitado a uns tantos trabalhadores que julgam salvar e conquistar as suas reivindicações seguindo o caminho de Cristo crucificado e o de Carlos Marx com a sua conquista do poder, mas os outros operários que creem conseguir esses mesmos direitos, por outras sendas mais seguras e mais rectas, são continuamente perseguidos e processados sob pretexto de serem anarquistas.

Quanto a policia, a guarda civil e a todas as instituições armadas, que foram criadas para perseguir criminosos e bandidos, dedicam-se, por ordens superiores, a assaltar os locais públicos e a deter os individuos que, pela aparência, julgam ser operários.

Eis abaixo uma nota dada pela policia de Barcelona, que vem confirmar o que deixamos escrito: «Tendo conhecimento, este Comissário de que o Comité de Relações Anarquistas convocara os seus representantes em varias povoações para que se encontrassem num «bar» da rua de São Paulo com um delegado daquele comité, que teria nas mãos um exemplar da «Revista Blanca», o qual receberia as quantias obtidas «para um fim interessantissimo, de que se daria conta e detalhe depois de realizado», dispoz-se o serviço de vigilancia, de que foi encarregado o inspector da brigada especial Fernando Acuña e agentes as suas ordens, dando como resultado a detenção dos seguintes individuos:

«Francisco Cascales Vicente, que tem entre outros antecedentes, o de ter sido detido em 1921 como suposto autor do atentado ao chefe do conselho de Badalona, Jesus Serra Costa; António Conejero Tomás, ao qual se apreendeu um exemplar de «El Libertario», um relatório do comité pró-pressos e outros documentos de significado anarquista; Ramon Martinez Gonzalez, António San Martin, aos quais se apreendeu 86 sellos de cotas; Vicente Adelantado Pérez, a quem foram apreendidos varios documentos de caracter anarquista e Manuel Mule Sender.

«Em Mariorell, também foram detidos Luis Puig Castillo e João Faus Marín, sendo este um dos que appareceram na tarde do domingo no «bar» da rua de S. Paulo

A moagem de Samora Correia, depois de ter roubado a escola, recusa protecção aos esraivos que traz ao seu serviço

Disseram-me há dias que a Samorensa, farta de ouvir queixas daqueles que não são empregados lá, nem na Companhia das Lezírias, resolveu construir uma escola, em paga daquela que abusiva, infame, covarde e criminosamente tinha inutilizado; mas que, para isso, era necessário que a Câmara de Benavente lhe cedesse gratuitamente o terreno.

E' o cúmulo do deslante, da infâmia, da desvergonha!

Não se apossa ou não se apossou já do terreno da escola, o colosso que tudo tem tentado para se eximir ao cumprimento deste rudimentar dever — restituir o que destruiu?

Como é que exige agora novo terreno? A Junta não o tem. A Câmara também não; mas como era preciso contentar o padre Tobias e nêle as duas potências de Samora Correia, porque estão à porta as eleições, resolveu a Câmara, ou antes dois mandões dela, conceder autorização à Samorensa para construir a escola na praça Elias Garcia, largo onde, em Samora, se faz a feira anual e que, por principio, nenhum deve construir-se, ou deslante-se com qualquer construção; tanto mais que a praça Elias Garcia pertence à Junta de Samora e não ao Município Benaventense.

E a Junta — estamos dispostos a acreditar — defende os direitos e regalias dos seus parquinhos, não consentirá que ali se crave uma picareta.

Para intrujar os papalvos, cobrindo-se com a jesuitica capa da hipocrisia, tem a Samorensa feito constar por suas notas officiosas, que lamenta muito não ter podido ainda dotar a terra com esse melhoramento — (a Escola, tartufos) — mas que o não tem feito por não terem local próprio.

E' uma grosseira mentira.

Próprias e bem próprias são aquelas ruínas da rua Popular, hoje pertencentes ao padre Tobias, o simpático progenitor da Samorensa e o principal autor do estrangulamento da Escola de O Seculo.

Se a Samorensa fica com a propriedade do terreno da escola da antiga Escola, por que é que não adquire ao seu pai e sócio, essas ruínas, acabando de vez com o lastimável espectáculo que Samora oferece aos forasteiros na rua principal?

Serão duas obras meritórias: demolir umas ruínas e abrir uma escola. Mas não a Samorensa, confiada na brandura do povo de Samora, dessa Samora que usa a Correia como simbolo da sua incondicional e eterna submissão aos potentados, prefere terrenos de graça, apoderando-se dos 1.500 metros que a antiga Escola pertencem.

O caso não é mal pensado, mas estamos convencidos de que não será resolvido como a Samorensa pretende.

Se mais nada houvesse a aduzir contra

para entregar a soma obtida entre os simpatizantes.

«A Luis Puig foi apreendida uma pistola, da qual não tinha licença.

«Todos os detidos ingressaram na prisão celular à disposição da autoridade governativa».

Compreenderá alguém o que deseja, no fim de contas, a policia de Barcelona, assim

Este polvo infame que amarfianhou nos seus rígidos tentáculos o corpo e a alma de uma população inteira; bastaria o facto, talvez inédito; de se manter encerrada uma escola durante mais de cinco anos, não obstante, todavia, a que o respectivo professor custe ao Estado mensalmente o melhor de 70000 sem produto algum, para que todos os samorenses, pelo menos aqueles que da moagem não vivem, volassem a tal instituição o mais completo desprêso.

Mas há mais, mas muitas mais. E' frequente ver, nas farmacias da terra, um operário a mendigar curativo para qualquer ferimento recebido.

— Onde é que você trabalha?

— Na moagem.

— E feriu-se lá muito?

— Há uns 8 dias.

— E pagam-lhe os curativos?

— Paghavam, se eu fosse curar-me a farmácia.

— Mas como eu venho curar-me a esta... tenho eu de pagar de meu bolso.

— E pagam-lhe o seu salário?

— Isso era bem bom. Dão-me apenas metade da féria, e para isso é preciso que eu trabalhe, o pouco que posso. Como tenho apenas uma das mãos impossibilitada...

— Mas eles são obrigados a...

— Bem sei o que vai dizer. Eles disseram-me que, querendo em ir para Lisboa tinha tratamento e comida de graça...

— Bem sei. E' mais um patrão que vos impingem para os calar. E vocês, com medo...

— Ora... se a gente diz qualquer coisa, vai logo para o olho da rua, sem mais explicações.

E são bem assim os potentados. Têm uma farmácia sua protegida, que é aquela onde o médico passa os serões e onde põe e dispõe como dono, verificando que medicamentos existem... não se sabe com que fim.

Aos operários feridos impõem-lhes certa e determinada farmácia, e para os calar, sobre salários, ameaçam-nos com o papão de Lisboa, para onde lhes não convém ir. Mas isto não tem remédio?

Certamente há de ter.

Sabemos que o actual delegado do governo em Benavente é um funcionário correcto; mas é patricio e amigo do padre Tobias. Terá ele coragem para dizer à Moagem que há leis de protecção aos operários e que tais leis se fizeram para ser cumpridas, tanto pelos pequenos proprietários como pelos grandes colossos?

Só quando virmos é que poderemos acreditar.

Ele há de ler os nossos artigos. Não pecará, pois, por ignorância.

Aguardemos os seus actos.

Serra FRAZÃO

como a das outras populações de Espanha?

Eis a situação verdadeiramente vergonhosa que este país está hoje atravessando.

São tantas as vítimas do Directorio, tantas as perseguições e as infâmias praticadas, que se chega mesmo a não compreender a razão porque ele se conserva ainda de pé.

Luiz d'ARAMIS

A organização operária defende-se da torpe campanha dos seus detractores

Campanha miserável essa que se vem desenrolando em torno da Confederação Geral do Trabalho, esvoaçando sobre ela e depenicando-a, como abutres sobre cadáver, alguns jornais conservadores e outros que se afirmam avançados. Montureira de vitez, em que verminam mausebunda inimigos declarados e amigos falsos do povo trabalhador, numacamaradamento que tendente a ferir-nos — a ferir a obra da Confederação Geral do Trabalho — líquida moralmente os atacantes. Pode dizer-se que a luta se estende a três barricadas distintas: uma, a reacção conservadora, onde fervilha o odio secular da casta dominante contra as conquistas e aspirações justas dos que demandam um mundo novo; outra, onde formam individuos saídos da massa operária, ex-militantes dos ideais emancipadores, a quem o despertar de ambições pessoais levou a acomodarem-se em situações equívocas, amarfianhando e renegando um passado de afirmações libertárias, arvorando-se em chefes de instrumentos inconscientes ou perversos por via dos quais procuram confundir e liquidar todos aqueles que possam servir-lhes de estorvo a um manear da massa operária inculca e confiada, num sentido propicio aos seus objectivos de mando. E como para conseguir os fins não se escrúpuliza na escolha de meios, esta segunda barricada não vacia em fornecer armas à primeira, caluniando, torcendo a verdade, pactuando em tudo quanto seja contra aqueles que, fiéis a principios, actuaem em defesa da independência e capacitação das classes trabalhadoras.

Nós, estamos hoje onde sempre estivemos, constituídos a velha terceira barricada, donde se astartaram os que hoje nos atacam da segunda. Somos a grande massa operária organizada. Militantes activos, sim militantes que a massa escolheu pelos nossos dotes de inteligência, pela nossa comprovada isenção, para a representarmos nos organismos centrais, para lhe inculcarmos a orientação e educação de que ela carece para conquistar pelo seu esforço próprio todo o bem estar a que tem jus, até a sociedade perfeita, cuja idealização por nós e pelos relapsos foi feita. Nós somos aqueles que olham ao passado e não têm que rectificar um passo do caminho percorrido. Não temos que corar ante a casta operária a que pertencemos. Não desampiamos a busca de operário e uma única ambição nos anima: servirmos bem a causa dos oprimidos, não abusando d'elles, da sua ignorância, para que nos acobertem situações falsas que não temos, ou nos sirvam de es-

teio para subirmos aos parlamentos que não ambicionamos.

E é com este apuro, natural em homens que nunca regatearam o sacrificio absoluto quando é mister defender uma liberdade popular, com esta altivez que nos tem levado a enfrentar a burguesia, nossa fidalga e declarada inimiga, que hoje, mau grado nosso, somos forçados a vir à luta contra ex-camaradas, idealistas relapsos, e em esclarecimento daqueles que, por fatalidade, são instrumentos inconscientes contra a sua própria causa — a causa dos oprimidos. Não se nos estranha a linguagem sóbria e serena. Possuídos da razão, não queremos descer ao vocabulário e aos processos dos nossos detractores. Corteses com o inimigo burguês, cortesia usaremos com os ex-camaradas, inimigos de hoje.

A parte mais intensa da campanha anti-confederal tem sido desenvolvida nas colunas de *O Comunista*, órgão do respectivo partido; na *Internacional*, órgão dos partidários da I. S. V., e nos jornais corporativos *O Eco do Arsenal*, dos arsenalistas da marinha; *O Arsenalista*, dos arsenalistas do exercito, e *O Marítimo*, órgão da Federação Marítima. Todos estes jornais, sob a férula do Partido Comunista — posto que são escritos ou orientados pelos seus pontífices — descurando os corporativos a defesa das respectivas classes e os partidários o ataque à casta opressora, quasi exclusivamente têm procurado, pela calúnia, indispor a massa operária organizada contra os militantes confederais, seguindo à risca o pensamento leninico: a missão da firma não é convencer mas dispersar as filas dos adversários, não melhorar os seus defeitos mas aniquilar a sua organização e a sua actividade, extirpá-las da terra. A forma deve ser tal que incite aos piores pensamentos e a suspeita, e leve o caos e a desorientação às fileiras do proletariado.

Assim se tem feito ou procurado fazer. De preferência tem-se visado os elementos activos; e, depois de convencidos que não era fácil desgló-los ao ponto de os mesmos se retirarem da sua missão de orientadores, tendo falhado ainda a baixa intriga tendente a incompatibilizá-los entre si, as atenções caíram sobre a massa organizada, buscando — e nisso demonstraram apenas ser fracos em psicologia — incompatibilizá-la com os organismos centrais. Nos jornais já citados produzem-se então as mais infames acusações ao mesmo tempo que emissários percorrem o sul a semear a dissidência. Numa serie de artigos e relatórios

já *A Batalha* informou do que ocorreu em algumas localidades alentejanas, em que bem se procurou levar a desorientação dos fileiras do proletariado.

De preferência foram tratadas as classes julgadas mais fáceis de manejar, pela sua puresa ou incultura: Como não lhes foi possível lançar a discordia no próprio seio da Federação Rural, procurou-se concitar o descontentamento da massa camponesa contra o seu organismo central. A falta de outro pretexto serviu a «questão dos fôros» e deu-se a «conferência camponesa» exuberantemente comentada pela carta, já publicada, do delegado do sindicato rural de Benavente que a ela assistiu.

Sempre no desejo da dispersar as filas dos adversários os jornais moscovitários deram-se a tecer à volta dos mais conhecidos militantes confederais uma teia de insinuações e acusações falsas, querendo demonstrar que na Central Operária se criavam lugares, choradamente remunerados, para sustentar individuos não dispostos a trabalhar pela sua profissão.

Assim, no último número de *O Arsenalista* entre outras insidias, lia-se isto:

«Posteriormente vem-se instituindo os Secretariats dentro da C. G. T. mas não é com os objectivos e fins a que visamos, antes pelo contrário, parece haver o fim de arranjar lugares remunerados para aqueles a quem é preciso satisfazer.

Ficou-se com um Secretário Geral permanente; instituiu-se o «Secretariado de Propaganda», novo lugar permanente, preenchido por um ex-secretário geral, e o lugar de director de *A Batalha*, que era preenchido cumulativamente pelo secretário geral, foi preenchido por um outro individuo do Conselho.

Resultado: Três elementos que deixam de privar com a massa para obterem o seu fluxo vibrante e a sua aspiração real e sincera, perdendo o treino para a execução profissional e a caracteristica da educação operária que só nas oficinas se consegue adquirir, criando hábitos e situações que se não compadeçam com a volta ao seu anterior mister, tendo ainda outros aspectos prejudiciais ao principio de isenção que deve ser uma das principais qualidades do militante.

Se nós quizessemos descer tão baixo como os autores destas linhas, poderíamos explorar situações; e, por certo, pormenorizar que aduziram, sem recorrer à calúnia, dariam pasto à especulação burguesa. Não é essa a nossa missão. Para responder, damos a palavra ao estatuto confederal que, no seu art.º 18.º resa assim: «Todos os ser-

viços prestados por qualquer comissão ou delegacia serão gratuitos, quando não tenham de perder trabalho; porém, os dias perdidos para esse fim serão pagos por igual salário ao que os comissionados auferem no exercicio da sua profissão. Os transportes e hospedagem ser-lhes não igualmente pagos».

Alguns ou todos os nossos acusadores têm gosado esta regalia, que, afinal, não é regalia mas sim uma disposição justa, visto que todos vivemos do nosso trabalho. Mas, onde a insidia mais realça é na parte em que se afirma terem-se criado lugares efectivos na C. G. T.

Até que um Congresso resolva em contrário, o secretário geral é permanente e ganha pela determinação estatutária, o secretariado da propaganda não tem ninguém efectivo; o cargo de director de *A Batalha* não é coisa nova, existiu sempre, e se nos últimos tempos o secretário geral acumulava com a direcção do jornal, isso foi julgado inconveniente e nomeado, como antes existira, um elemento especialmente para este lugar.

E' para quê mais explicações? Os elementos fiéis à Confederação são profissionais em actividade, não perderam nem perdem o «treino profissional» nem o «contacto com a massa», não podem confundir-se com os ex-carpinteiros, ex-rurais, ex-metalúrgicos ou com outros ex que os atacam.

A «fina bota» e o «falo de bom cheiro» que podiam usar têm-se estafado a caluniar o país levando a si propaganda ao seio das massas escravizadas, a quem nada exigem.

O facto mais recente da vida confederal, o último acto de traição dos pretensos salvadores do operariado, é o conflito levantado na Federação Marítima contra a C. G. T.

Pretextando falsas desconfianças infringidas pela corrente puritana do Conselho Confederal contra a minoria moscovitista, os delegados marítimos, influenciados pelos politicos comunistas, levaram o conselho federal do seu organismo a suspender as relações com a C. G. T.

A comprovar que não foram respeitados os interesses e os pontos de vista do operariado marítimo, estão as resoluções já tomadas por alguns sindicatos daquela industria.

E como é cêdo ainda para expormos comentários nossos, continuaremos dando a palavra aos sindicatos marítimos que, sem qualquer espécie de sugestão ou coacção, se vão pronunciando:

Sindicato Marítimo de Faro

Reuniu a assembleia para apreciar a atitude da Federação Marítima para com a C. G. T., aprovando por unanimidade a seguinte moção:

«Considerando que a Federação Marítima resolveu em reunião de conselho federal suspender as relações com a C. G. T.; Considerando que essa suspensão vem acarretar a desarmonia entre as classes trabalhadoras;

Considerando que a Federação exorbitou dos seus poderes, visto que teria de fazer um referendo aos sindicatos seus aderentes;

Considerando finalmente que neste momento, mais do que nunca, é necessário a maior união entre as classes trabalhadoras para assim combater o capital que nos pretende esmagar;

Os Marítimos de Faro reunidos em assembleia geral para tratar deste assunto resolvem:

1.º Dar a sua adesão à C. G. T. comunicando-lhe esta resolução.

2.º Requirir expediente confederal à mesma, visto a Federação não o fazer.

3.º Manter a sua adesão à Federação convictos de que ela saberá emendar o erro que praticou voltando para dentro da C. G. T.

Marítimos de Sines

Reuniram em assembleia geral os marítimos de Sines para apreciarem a atitude que a C. G. T. assumiu perante a Federação Marítima, tendo aprovado, por unanimidade, a seguinte moção:

«Considerando que o Conselho Federal da Federação Marítima rompeu relações com a C. G. T. sem que previamente tivesse consultado e elucidado esta associação dos motivos que a levaram a semelhante atitude; considerando que a atitude assumida pelo Conselho Federal vem contribuir bastante para enfraquecer o já abalado estado da classe, provocando a desconfinça e as dissensões entre a família marítima;

Resolve:

1.º Manifestar o seu profundo desgosto pela atitude assumida pelo Conselho Federal, cortando relações com a C. G. T.

2.º Incitar o Conselho a desistir duma atitude bastante prejudicial para a organização, mantendo o aprovado no Congresso de Leixões, e ratificado no de Aveiro;

3.º Dar a irreversibilidade do Conselho

manter a sua adesão às duas centrais confederativas e o vem fazendo desde o Congresso Marítimo de Leixões;

4.º Apoiar a proposta aprovada pelo Congresso Federal Marítimo e da autoria dos delegados da Associação dos Marinheiros e Moços, para que a cota a pagar à Federação seja de 85 centavos deixando aos Sindicatos federados o direito de continuarem na Confederação;

4.º Dar conhecimento desta moção à Federação Marítima e à Confederação Geral do Trabalho.

Maquinistas Fluviais de Lisboa

Em conformidade com o § único do artigo 22.º do estatuto que veda a discussão de questões politicas ou religiosas, esta associação manifesta-se em absoluto desacordo com as resoluções da Federação Marítima e resolve manter a adesão à Confederação Geral do Trabalho.

Uma carta

A Associação dos Descarregadores de Mar e Terra de Vala do Carregado enviou-nos a seguinte carta:

Camarada redactor: — Para evitar mal entendidos, vem a direcção deste sindicato pedir-lhe a publicação da carta que enviamos à Federação Marítima em 11 do corrente, em resposta a uma circular que nos foi enviada por aquele organismo no dia 7.

Eis a carta: — «Presados camaradas: Esta tem o fim de comunicar-lhes que depois de havermos estudado conscienciosamente a vossa circular de 7, somos a dizer-vos que já em assembleia do pretérito dia 3, a quando da apresentação dos trabalhos relativos ao conselho federal do dia 1, pelo nosso delegado Joaquim de Oliveira Norte, foram tomados em consideração, com excepção da que diziam respeito ao afastamento da nossa Federação do organismo central.

O nosso delegado abusou deste Sindicato ao dar o seu voto contra a C. G. T., caso — dizia elle — não fossem irradiados de aquele organismo central os camaradas Manuel da Silva Campos, Jerônimo de Sousa e Manuel Joaquim de Sousa, o que achamos extraordinário por serem estes militantes dos que têm dado o melhor do seu esforço em prol das classes trabalhadoras em geral.

Mastarmos da Central dos Sindicatos Operários, para o que não damos o nosso apoio. A nosso ver, tudo isto não passa de um mal entendido que a Federação tem que porosamente reconhecer, concluindo por conciliar-se com a C. G. T., a não ser que haja o firme propósito de desmantelamento da Organização Sindicalista Revolucionária o que so interessaria à burguesia e seus lacaios.

Alguns dos camaradas da nossa Federação discordam daqueles militantes da C. G. T. ? Pois seja. Mas, que discorde do organismo em referência não está certo. Também os camaradas Fragaçeiros do Porto de Lisboa, em 24 de Setembro de 1924, nos oficiaram argumentando coisas várias contra a Federação Marítima, dizendo não se representarem no Conselho da mesma, alegando o que entendiam em sua defesa e perguntando-nos se podiam contar com a nossa solidariedade, ao que lhes respondemos que só poderíamos contar com este Sindicato, desde que se conciliassem com a Federação; porque, camaradas, nós devemos de, na medida do possível, evitar o desmantelamento da organização operária, visto não termos em mira só a nossa indústria e porque sabemos que a C. G. T. tem feito em prol dos oprimidos, «fora de toda e qualquer política» o mais que tem podido. Saudações sindicais. Pela direcção, o presidente, José Pereira.

Esta carta, pela sua espontaneidade e pela sinceridade e boa fé que revela, é um forte depoimento contra a orientação divisionista dos dirigentes da Federação Marítima, tanto mais tratando-se dum organismo cujo «sentir foi tratado no conselho daquela Federação».

Pessoal de Câmaras da Navegação de Longo Curso

Também da Associação do Pessoal de Câmaras da Navegação de Longo Curso receberam a seguinte moção aprovada por unanimidade na assembleia ali ontem efectuada:

«Considerando que um lamentável incidente levou o Conselho Federal da Federação Marítima a suspender as relações com a C. G. T.;

Considerando que a Federação Marítima ao tomar tal resolução, não procedeu em harmonia com os mais rudimentares princípios sindicais, «consultando os sindicatos, única entidade para o efeito com poderes de resolução»;

Considerando que é desejo deste sindicato, manter e contribuir em todas as circunstâncias para a mais inalterável unidade entre toda a família trabalhadora;

Considerando que a C. G. T. nos continua merecendo a mesma simpatia e confiança que nos levou a dar-lhe a nossa adesão muito anteriormente à constituição da Federação Marítima;

Considerando que o Conselho Federal deliberou que a Cota à Federação passasse a ser de 150 por sindicato, o que é um grande encargo para os organismos que desejam ficar dentro da C. G. T., deliberando esta que foi tomada com o propósito de criar dificuldades aos referidos organismos, para que só fiquem dentro da Federação;

A assembleia geral do Pessoal de Câmaras da Navegação de Longo Curso, reunida em assembleia geral no dia 18 de Agosto de 1925, resolve:

1.ª Manter a sua adesão à C. G. T. a quem neste momento envia as mais efusivas saudações.

2.ª Manter a adesão à Federação Marítima, incumbindo o nosso delegado à mesma de actuar com energia no sentido de que a resolução da Federação que deu origem ao presente documento, seja anulada.

3.ª A anterior resolução será mantida desde que por parte da Federação Marítima não seja elevada a cota federal a mais de 185, importância esta que o nosso sindicato já pagava à Federação.

4.ª Manifestar o nosso desgosto à Federação Marítima, por intermédio do delegado ao Conselho Federal, por acharmos a sua resolução atentatória da soberania dos sindicatos.

5.ª Fazer votos porque todos os sindicatos marítimos assumam idêntica atitude».

Continuam a ter a palavra os sindicatos marítimos.

Propósitos pacifistas

VARSÓVIA, 18.—Começa amanhã a primeira série das grandes manobras do exército polaco sob a direcção do general Sikorski, que devem durar três dias.

A guerra de Marrocos

O general Petain vai comandar as tropas francesas

PARIS, 18.—É positivo que o marechal Petain parte em breve para Marrocos a fim de assumir o comando das tropas francesas, ficando sob as suas ordens o marechal Lyautey e o general Naulin, sendo então posto em prática o plano elaborado por aquele cabo de guerra quando da sua primeira viagem a Rabat.

Os franceses aumentam os seus efectivos

PARIS, 18.—Em fins de agosto as tropas francesas em operações devem contar com 100 batalhões de infantaria, dos quais 28 de reserva.

Iniciaram-se as grandes operações

TANGER, 18.—Foram hoje iniciadas pelas tropas francesas as operações de grande envergadura, visando à posse da região de Tsours.

A ofensiva franco-espanhola

PARIS, 18.—Segundo as notícias recebidas de Marrocos prosseguem os preparativos para a grande ofensiva franco-espanhola contra os rifenhos, que será precedida dum combate de 40.000 homens em Alhucemas e da submissão de várias tribus rebeldes.

Preparativos não faltam

TANGER, 18.—As tropas francesas prosseguem no seu avanço para a conquista da região Tsours. Durante a manhã fizeram-se bombardeamentos à linha do centro do inimigo, operações em que tomaram parte três esquadrilhas de aviões.

Um velho de 99 anos que parte uma perna

Depois de pensado no posto da Cruz Vermelha no Terreiro do Paço, recolheu à Sala de Observações do hospital de São José, Manuel Francisco, de 99 anos, natural de Lagos e residente na calçada de São João da Praça, 101, hoje, que no largo do Chafariz de Dentro, tendo sido colhido por um cavalo, caiu, fracturando a perna esquerda

Tolerância católica

O despeito de um orador-sacro por lhe faltar a matéria-prima para o aumento da teologia

Há já bastante tempo que, pela leitura das próprias obras religiosas, eu adquirira a indelével certeza de que na igreja toda a doutrina que se ministra assenta, senão sempre numas bases de infâmia, na maioria dos casos tem a vincula-las aquele dogmatismo que embrutece aliado à sectária moral que vê por ser falsária, degradante e preversa.

Porém, se dúvidas ainda me restassem, se as hesitações ainda me fossem possíveis sobre as finalidades e consciências dessa doutrina, duas vezes milenária, propagada nos templos teológicos, eu teria tido ultimamente ocasião de compenetrar-me de que ali só existe uma grande verdade: tudo é mentira!

Não perde a reacção nenhum caso de oportunidade para lançar, e desentorecer seus tentáculos peçonhentos por aqui e por ali promovendo toda a espécie de «chamarriz» espaventosos concernentes ao seu intuito actual: sondar terreno, e, com esse intuito, que outro não foi, levaram a efeito em Santa Iria no pretérito domingo, 9, a comunhão das «crianças».

Quizemos, propostadamente, dar-nos ao sacrifício de ouvir «sermão e missa cantada» tanto mais que alguém nos disse que entre os padres coadjutores se achava um grande orador sacro e que provavelmente seria ele quem subiria ao púlpito.

Francamente confesso que não dei por muito mal empregado esse tempo, porque fui lá adquirir a certeza de que hoje é bem restrito o número daqueles que se acham impregnados daquela fé ou crença religiosa que se adoga nos templos que homenageiam o Rabi.

O acaso fez que tivesse a convicção de que atrás afirmo, a não ser que fosse algum milagre, visto passar-se numa casa de Deus.

Quasi terminado o sermão entra brusca e inesperadamente na igreja uma comitiva municipal que de Lisboa ali vinha para «validar» o nó. O sagrado orador, talvez bom psicólogo, temendo uma irreverência da parte dos seus ouvintes maneja um tanto atabalhoadamente o praxístico «tenho dito» e desceu. Então, espectáculo único, como se todos fossem movidos por uma oculta mola, levantaram-se, viraram-se e prestaram muita atenção mas foi ao noivado sem que pela mente lhes passassem o «respeito» devido ao lugar sagrado... como disse o prior do sítio num facto de bilis lançado aos... infelizes.

Queriam os srs. reverendos que se observasse a compostura nessas criaturas que têm o espírito deformado pela heresia—como eles dizem? Apenas mostraram o que são: frequentam a igreja mais por snobismo, por pedantismo e por exibicionismo.

Mas deixemo-nos de comentários à causa que motiva essa concorrência desusada e digamos alguma coisa sobre o «sermão», que só a isso viemos.

Esperávamos que o referido orador sagrado soubesse avaliar o que era a liberdade de crenças—porque um indivíduo, que uma vez se viu privado de exteriorizar a sua, devia de saber bem o quanto custa um outro achar-se nessas circunstâncias, e ainda não vai muito longe o tempo em que eles se viram quasi completamente imbuídos de o poderem fazer—e que, muito embora enaltecisse a sua doutrina, num direito que apesar de tudo ninguém lhe contestaria, não beliscasse nas alheias.

Não entendeu assim o sr. reverendo e por isso o signatário deste artigo num legítimo direito e dever que ninguém poderá coartar vem muito modestamente devolver à procedência os insultos que à ala avançada da mocidade foram dirigidos.

Devido ao pouco espaço que o nosso órgão dispõe não podemos aqui refular uma a uma as insidias lançadas por uma boca «sagrada», mas duas bastam-nos.

O sr. reverendo ataca a bomba dizendo que era inhumana e desleal, e nós sem pretendemos defender essa arma tão vil como lódas as outras, retorquimos-lhe: O que são os atentados dinamitistas em relação ao assombroso assassinato dos setenta mil muçulmanos na mesquita de Jerusalém, as perseguições aos migueus dos quais cem mil foram exterminados, a morte dos trinta mil albigenses e dos muitos milhares de judeus, depois de se haverem apoderado das suas riquezas, e tantos outros feitos de «paz e concordia»?

Estranhou o fogoso orador católico que a actualidade actual não crêse na «igreja do criador do mundo» e nós, objectamos-lhe:—Sim, sr. prior, a mocidade tem o dever imprescindível de acreditar na igreja que supliciu entre tantos outros, Galileu, Savonarola, Hipatia, Etienne Delat, Jerónimo de Praga, Campanella, Vavini, João Huss, Damiano de Góes, Cristóvão Colombo, Giordano Bruno e a própria Joana d'Arce para depois a canonizar...

Sim devemos-nos prostrar de joelhos perante a igreja que abençoou Domingos de Gusmão, Inácio de Loyola, Tomás de Torquemada, Pedro de Arlens, Simão de Montfort, Carlos Magno, Filipe II, Luís XI e Carlos IX e toda a casta de assassinos e inquisidores e de ladroes!

Devemos de respeitar a seita que instituiu a inquisição, que ateou oito guerras entre católicos e protestantes no fim das quais envolveu a Europa numa carnificina que durou trinta anos (1618-1648), e que levou a cabo a espantosa matança de mais de cem mil huguenotes na noite de São Bartolomeu, em Paris (1572).

Isto deve bastar para nos convencermos de que é aquela a doutrina de melhores precedentes e por isso nos absteio de enumerar mais «milagres» por ela realizados.

Isto teria eu dito na igreja se fosse permitido mesmo ali replicar, mas como aos olhos de muita gente ainda passaria talvez por... iníame, faço-o aqui cónscio de que serei melhor escutado.

Póvoa de Santa Iria, 12-8-925.

Américo da Silva SANTOS

A Voz do Operário

Volta a reunir hoje, pelas 20.30, horas, a assembleia geral desta colectividade, continuando a discussão do relatório da Comissão Administrativa de ataque à obra moralizadora e progressiva para a instituição, realizada pela comissão de sindicância que ultimamente dirigiu os destinos da Sociedade. Todos os sócios que desejam o progresso e boa administração na referida colectividade devem comparecer à assembleia de hoje

Uma revoltante injustiça!

Faz hoje, precisamente, um ano que se deu em Belém um choque de comboios em que perderam a vida alguns dos passageiros que viajam no rápido de Cascais.

Devido a este trágico acontecimento foi preso o pessoal da estação de Belém que a data se compunha de um factor de 1.ª classe exercendo as funções de chefe, um agulheiro e um praticante. O agulheiro, ferroviário antigo e conhecido antigo do seu métier, saiu em liberdade 8 dias depois, por se ter verificado que nenhuma responsabilidade lhe podia ser atribuída no desastre.

O chefe Edgar safou um mês depois aliado ao praticante José Gomes Serra; por não ter podido prestar a fiança que lhe foi atribuída.

Acontece que o praticante já se encontra há cerca dum ano preso, aguardando julgamento.

Esta prolongada prisão constitui uma autêntica iniquidade. O praticante, além das razões, dada a sua categoria ferroviária não tem responsabilidades no desastre. Admitindo porém que assim não fosse só poderia ser condenado em seis meses, por homicídio involuntário. Ora ele já cumpre o dobro da sentença a que seria condenado, isto aceitando uma hipótese improvável.

A sua prisão representa já uma condenação iníqua. E o processo, ao fim dum longo ano, ainda se encontra na Morgue, o que quer dizer que o praticante está condenado a estar ainda retido no cárcere um ror de meses, aguardando julgamento.

Urge que seja feita justiça: que não se esteja fazendo sofrer um homem iniquamente os horrores dum encarceramento demasiado prolongado.

Só neste país em que todos os delinquentes andam à solta é que se deixa estar um homem, possivelmente inocente, um ano numa cadeia aguardando que seja julgado.

80 dias de incomunicabilidade!

Há cerca de 80 dias que se encontram incomunicáveis na esquadra de Santa Marta os operários manipuladores de pão José Abrantes Castanheira e Manuel Simões Miranda.

Estes operários têm sido maltratados pelos janizários da esquadra e as suas roupas ensanguentadas que atestavam as bárbaras e cobardes agressões que sofreram já foram motivo dum interpelação no parlamento.

A lei não consente que ninguém possa estar mais de 48 horas preso, sob o regime de rigorosa incomunicabilidade. Pois estes estão prestes a fazer três meses.

A justiça republicana chegou à crueldade bárbara a que nunca tinha chegado a justiça monárquica.

Quando será levantada a incomunicabilidade a estas duas vítimas do banditismo policial?

Cumpre-nos também perguntar o motivo porque ainda se não lhes estabeleceu processo, se é que conseguiram, ao fim de 80 longos torturantes dias formar-lhes culpa.

UM PASSEIO A SINTRA

PRÓ-ESCOLAS DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Realiza-se no próximo domingo um excelente passeio a Sintra promovido pela Comissão Escolar da Construção Civil. Este passeio vai, por certo, transformar-se numa excelente festa de confraternização operária, destinando-se o seu produto para auxílio das escolas que a Construção Civil esforcadamente vem mantendo.

Atendendo ao seu elevado fim e ainda ao apressado sítio que é Sintra, é de esperar que grande número de operários venha à Administração de A Batalha adquirir bilhetes que serão vendidos a preço módico.

Abrilhanta este passeio a Filarmónica Verdi e o grupo musical «O Cravo».

O grupo musical «O Cravo» executará a «marchado pic-nic» que deverá ser cantada em coro.

A venda dos bilhetes, em A Batalha, termina na sexta-feira às 14 horas.

Rendimentos dos operários

Num auto da Cruz Vermelha foi transportado ao Hospital de São José, onde recolheu, em estado grave, à Sala de Observações, Augusto Sebastião, de 42 anos, natural de Castelo Branco, residente na fábrica de cortiça, na Avenida de Chelas, e que caiu de um telhado que anda em reparação na Calçada das Lages, fracturando a coluna vertebral.

Na enfermaria de São Francisco do Hospital de São José, faleceu ontem, Paulo Pereira, de 30 anos, trabalhador, natural de Rezende, residente em Alameda de Paio Pires, Seixal, e que, como noticiámos, caiu dentro de uma caldeira com água fervente na fábrica de cortiça, na Quinta da Trindade, no Seixal, no dia 15 último.

Por este e outros motivos o gesto dos actores parisienses deve merecer a simpatia de quantos pela educação infantil se interessam.

Pela assembleia, foi posta a questão das profissões perigosas para a moralidade infantil, tendo-se resolvido convidar todas as clareiras representadas naquela reunião a clarearem trabalhos sobre o assunto. Portugal recebeu já o pedido da sua colaboração, por intermédio da Inspeção dos Serviços Tutelares de Menores, no ministério da Justiça.

Coliseu dos Recreios

A semana das lutas sensacionais

Hoje emocionante dasforra entre os lutadores Kawamula e Constant

3 — COMBATES DE LUTA LIVRE — 3

Ochôa — Petig

Travagliani — Devilliers

Saint Mars — Rato

ULTIMA SEMANA ULTIMA

Hoje realiza-se um sensacional «match» desforra em «jû-jitsu» entre o célebre japonês Kawamula e o científico belga Constant le Marin que deve ser emocionantíssimo, por quanto o segundo foi vencido há poucos dias pelo primeiro com o que o seu brilo se não conformou. Em luta livre lutam o valente espanhol Ochôa contra o brutal austríaco Petig, o notável italiano Travagliani contra o francês Devilliers, o selvagem Raoul Saint Mars contra o herculéo espanhol Rato. No programa de variedades figura a célebre troupe russa Rusckoff e os exímios artistas Maya e Aggar.

«A BATALHA» No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

O congresso socialista em França

votou a irradiação do deputado Varenne

PARIS, 18.—O congresso socialista unitário aprovou, por enorme maioria, a irradiação do partido do deputado Varenne, vice-presidente da câmara e que há pouco foi nomeado governador geral da Índochina.

Afirmarões imperialistas e militaristas

PARIS, 18.—O congresso dos socialistas unificados votou por unanimidade uma moção em que se rejeitam os créditos coloniais e se reprovam os atentados contra a disciplina do exército. A moção regista também que o partido socialista se opõe à evacuação de Marrocos que considera como um perigo para o status quo internacional da actualidade e termina reclamando uma acção diplomática rápida e prudente que conduza à paz e reconheça a independência do Rifi.

Foi retirado o apoio ao governo

PARIS, 18.—No congresso socialista o sr. Blum apresentou uma moção em que se defende a não comparticipação do partido socialista no poder e se consigna a impossibilidade de continuar o partido apoiando o governo. Esta moção foi aprovada por 2.270 votos contra 540.

Atropelamento

Na enfermaria de Santo Onofre do hospital de São José, deu entrada Júlio de Almeida, de 12 anos, filho de Olinda Malhada de Oliveira, residente na calçada do Tijolo, 28, rua de Chôa, e que, na rua 24 de Julho, foi atropelado por um camião, ficando ferido nas pernas e confuso pelo corpo.

Da janela à rua

Deu entrada na Sala de Observações, António Barrento, de 2 anos, filho de José Barrento e de Emilia da Conceição Barrento, residente na rua da Bombarda, 72, 1.ª, que caiu da janela da residência à rua, ficando ferido na cabeça e com a perna esquerda fracturada.

A cultura de algodão em Moçambique

Informam da Arcada:

O Alto Comissário de Moçambique comunicou que na província tem tido grande desenvolvimento a cultura do algodão, e a continuar assim com os bons resultados obtidos e com o crescente número de agricultores deste género de cultura, dentro em alguns anos Moçambique será um dos grandes centros produtores de algodão.

Comêço de incendio na Penitenciária

Ontem cerca das 20.30 horas declarou-se um incendio na Penitenciária. Arderam ainda umas aparas que se encontravam ao ar, próximo das oficinas. Comparecer varrio material de incendio que não chegou a ser preciso, por o incendio ter sido apagado pelo pessoal da cadeia.

Em defesa da criança

A reunião internacional de protecção à infância.—Uma simpática resolução dos actores parisienses

Em Luxemburgo realizou-se, nos dias 10 a 12 de Julho último, a reunião internacional de protecção à infância.

Entre os assuntos tratados apresentouse um que merece especial referência—a iniciativa dos actores dos teatros de Paris que nomearam entre eles um «comité» para defender os menores contra os perigos da vida teatral.

Esta iniciativa, por parte dos trabalhadores de teatro daquele centro, é digna de todo o elogio, pois que tantas vezes se tem verificado o facto de crianças serem incumbidas de papéis que, satisfazendo parte do público amador de certos géneros de teatro, confrange, pelo crime que representa, todos os que têm na devida conta as necessidades de educação da infância, e outros, não menos lamentáveis, de crianças que assistem como comparsas a cenas que só lhe podem ser prejudiciais por não possuírem ainda o discernimento preciso para delas poderem tirar os ensinamentos a que o autor quer conduzir.

Por este e outros motivos o gesto dos actores parisienses deve merecer a simpatia de quantos pela educação infantil se interessam.

Pela assembleia, foi posta a questão das profissões perigosas para a moralidade infantil, tendo-se resolvido convidar todas as clareiras representadas naquela reunião a clarearem trabalhos sobre o assunto. Portugal recebeu já o pedido da sua colaboração, por intermédio da Inspeção dos Serviços Tutelares de Menores, no ministério da Justiça.

Pela assembleia, foi posta a questão das profissões perigosas para a moralidade infantil, tendo-se resolvido convidar todas as clareiras representadas naquela reunião a clarearem trabalhos sobre o assunto. Portugal recebeu já o pedido da sua colaboração, por intermédio da Inspeção dos Serviços Tutelares de Menores, no ministério da Justiça.

Pela assembleia, foi posta a questão das profissões perigosas para a moralidade infantil, tendo-se resolvido convidar todas as clareiras representadas naquela reunião a clarearem trabalhos sobre o assunto. Portugal recebeu já o pedido da sua colaboração, por intermédio da Inspeção dos Serviços Tutelares de Menores, no ministério da Justiça.

Pela assembleia, foi posta a questão das profissões perigosas para a moralidade infantil, tendo-se resolvido convidar todas as clareiras representadas naquela reunião a clarearem trabalhos sobre o assunto. Portugal recebeu já o pedido da sua colaboração, por intermédio da Inspeção dos Serviços Tutelares de Menores, no ministério da Justiça.

Pela assembleia, foi posta a questão das profissões perigosas para a moralidade infantil, tendo-se resolvido convidar todas as clareiras representadas naquela reunião a clarearem trabalhos sobre o assunto. Portugal recebeu já o pedido da sua colaboração, por intermédio da Inspeção dos Serviços Tutelares de Menores, no ministério da Justiça.

Pela assembleia, foi posta a questão das profissões perigosas para a moralidade infantil, tendo-se resolvido convidar todas as clareiras representadas naquela reunião a clarearem trabalhos sobre o assunto. Portugal recebeu já o pedido da sua colaboração, por intermédio da Inspeção dos Serviços Tutelares de Menores, no ministério da Justiça.

Pela assembleia, foi posta a questão das profissões perigosas para a moralidade infantil, tendo-se resolvido convidar todas as clareiras representadas naquela reunião a clarearem trabalhos sobre o assunto. Portugal recebeu já o pedido da sua colaboração, por intermédio da Inspeção dos Serviços Tutelares de Menores, no ministério da Justiça.

Pela assembleia, foi posta a questão das profissões perigosas para a moralidade infantil, tendo-se resolvido convidar todas as clareiras representadas naquela reunião a clarearem trabalhos sobre o assunto. Portugal recebeu já o pedido da sua colaboração, por intermédio da Inspeção dos Serviços Tutelares de Menores, no ministério da Justiça.

Pela assembleia, foi posta a questão das profissões perigosas para a moralidade infantil, tendo-se resolvido convidar todas as clareiras representadas naquela reunião a clarearem trabalhos sobre o assunto. Portugal recebeu já o pedido da sua colaboração, por intermédio da Inspeção dos Serviços Tutelares de Menores, no ministério da Justiça.

Pela assembleia, foi posta a questão das profissões perigosas para a moralidade infantil, tendo-se resolvido convidar todas as clareiras representadas naquela reunião a clarearem trabalhos sobre o assunto. Portugal recebeu já o pedido da sua colaboração, por intermédio da Inspeção dos Serviços Tutelares de Menores, no ministério da Justiça.

Pela assembleia, foi posta a questão das profissões perigosas para a moralidade infantil, tendo-se resolvido convidar todas as clareiras representadas naquela reunião a clarearem trabalhos sobre o assunto. Portugal recebeu já o pedido da sua colaboração, por intermédio da Inspeção dos Serviços Tutelares de Menores, no ministério da Justiça.

Pela assembleia, foi posta a questão das profissões perigosas para a moralidade infantil, tendo-se resolvido convidar todas as clareiras representadas naquela reunião a clarearem trabalhos sobre o assunto. Portugal recebeu já o pedido da sua colaboração, por intermédio da Inspeção dos Serviços Tutelares de Menores, no ministério da Justiça.

Pela assembleia, foi posta a questão das profissões perigosas para a moralidade infantil, tendo-se resolvido convidar todas as clareiras representadas naquela reunião a clarearem trabalhos sobre o assunto. Portugal recebeu já o pedido da sua colaboração, por intermédio da Inspeção dos Serviços Tutelares de Menores, no ministério da Justiça.

Pela assembleia, foi posta a questão das profissões perigosas para a moralidade infantil, tendo-se resolvido convidar todas as clareiras representadas naquela reunião a clarearem trabalhos sobre o assunto. Portugal recebeu já o pedido da sua colaboração, por intermédio da Inspeção dos Serviços Tutelares de Menores, no ministério da Justiça.

Pela assembleia, foi posta a questão das profissões perigosas para a moralidade infantil, tendo-se resolvido convidar todas as clareiras representadas naquela reunião a clarearem trabalhos sobre o assunto. Portugal recebeu já o pedido da sua colaboração, por intermédio da Inspeção dos Serviços Tutelares de Menores, no ministério da Justiça.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Notícias

A companhia que na actual época de verão, iniciou os seus trabalhos no Nacional, vai prosseguir com as suas representações, reaparecendo no Apolo, sob a direcção dos ilustres artistas Ilda Stichini e Rafael Marques. A primeira peça que representará é «O Conde de Monte Cristo», drama extraído por José António Moniz, do popular romance com o mesmo título.

A Companhia Lucília Simões-Erico Braga que ampliou com vários elementos artísticos, reaparecerá em S. Carlos, por toda a primeira dezena de outubro, representando hoje e amanhã em Vila do Conde, onde voltará à Póvoa do Varzim, a fim de realizar ali, mais três réctas, nas noites de 21 a 23 do corrente.

Réclames

«A cidade onde a gente se aborrece», revista-fantasia de enorme successo, dois actos deslumbrantes ricos de cor e de luz, toda a vida da nossa Lisboa posta em scena cometada, vestida ricamente e enquadrada em lindos cenários e é continua sendo o grande successo da actualidade, tão bem compreendido do publico que este se não esquece todas as noites, de encher o elegante teatro. «A cidade onde a gente se aborrece» repete-se hoje.

O caso sensacional do dia é a desforra que o belga Constant le Marin vai hoje ter, no Coliseu dos Recreios, com o japonês Kawamula. Mas há mais. Três outros combates se realizam, em luta livre, entre os mais valentes lutadores: o do espanhol Ochôa contra o austríaco Petig; o do italiano Travagliani contra o francês Devilliers e o do Raoul Saint Mars contra o espanhol Rato. E isto o que está preocupando toda a gente que ansiosa espera a noite para ir ao Coliseu ver a quem cabem as vitórias. Antes realizar-se há um admirável programa de variedades.

AJUDANTE

De forja, precisa-se. Rua das Taipas, 10.

INSTRUÇÃO

Assistência médi. a escolar

O médico das escolas primárias do 4.º bairro de Lisboa, dr. sr. Francisco Judice Formosinho foi encarregado de estudar em Espanha, França e Bélgica, tudo quanto se relaciona com o problema da Assistência Médica Escolar. Também foi autorizada a médica do liceu feminino de Lisboa, sr. D. Isabel Baptista Pereira a, em comissão gratuita de serviço público, estudar em Espanha e França, os progressos da hygiene escolar nos institutos femininos.

SORTE GRANDE

4841

Mais uma sorte grande vendida no Lata do Conde Barão.

Bilhete certo nesta casa e todo aberto em cautelas.

Largo do Conde Barão, 55.

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO
PROFISSIONAL

Elementos gerais

Rac. s Humanas (2 vol).....	30400
O Brasil e as Colônias Portuguesas.....	15800
Cartas Peninsulares.....	15800
Sistema dos meios e fições religio- sas.....	15800
Orlando Marçal.....	
Aguas claras.....	6800
Imagens de Sônio.....	1800
Spencer.....	
Da Educação (broc. 5\$00) encaad. Paul Bandão.....	\$850
Os pescadores.....	10800
Os Pobres.....	10800
O Teatro.....	8500
Victor Hugo.....	
França e Bélgica.....	20800

O Reino (2 v.).	12000
Os Miseráveis (2 grossos vol.) ilustrados, encadernados. . .	40000
ola	
A Taberna	12000
Tereza Raquir	6000
Alegria de viver (1 vol.).	10800
A conquista de Plassans, (2 vol.).	10800
Fecundidade	20800
A fortuna dos Rougons, (2 vol.).	10800
Uma página de amor	10800
Dr. Pascal	9800
Argame—origem da vida.	7800
Publicações sociológicas	
—Organização Social Sindicalista	3800
Intenções. —A Rússia bolchevista.	2900
R. Albert. —O amor livre.	5800
—L'oufou. —O sindicalismo e a proxi-	

...a revolução (2 volumes).....	10\$00
...milo Bossi. — Cristo nunca existiu,	6\$00
...eo Williams. — Relatório dos delegados dos I. W. W. ao congresso da I. S. V. de Moscovo.....	1\$00
...radiador. — A questão social do Brasil.....	1\$50
...ustavo le Bon.....	
As primeiras consequências da guerra.....	8\$00
Ensinaamentos psicológicos da guerra europeia.....	8\$00
Leis psicológicas da evolução dos Povos (enc.).....	6\$00
...uyau. — Ensaio dum moral sem obrigação nem sanção.....	5\$00
Educação e Hereditariedade....	4\$00
...amon.....	
A conferência da paz e a sua obra.....	5\$00
As lições da guerra europeia.....	

O movimento operário da Gran-Bretanha.....	5000
Psicologia dos socialista-anarquista	5000
A crise do Socialismo.....	\$50
enrique Leone—O Sindicalismo..	4000
Elifredo Salgado.....	
O culto da Imaculada.....	10000
Mentiras religiosas.....	3000
an Grave.....	
A sociedade Futura.....	5000
Anarquia; fins e meios.....	10000

individual e a sociedade.....	\$800
seph I. Ettor.—Unionismo indus-	
trial.....	\$50
Guêdo, —A lei dos salarios.....	\$50
stus Ebert, —Os I. W. W. na teo-	
ria e na prática.....	\$300
A mocidade.....	\$50
A anarquia, sua filosofia e seu ideal	\$150
A Grande Revolução (2 vol.).....	\$100
A moral anarquista.....	\$50
Os pastores da Guerra.....	\$30
O Estado e o seu papel histórico	\$150
azare, —A Liberdade.....	\$50
Lenine, —Os problemas do poder	
dos Soviets.....	\$150
andauer, —A Social Democracia na	
Amãha.....	\$50
aniel Ribeiro, —Na linha de fogo.	\$300
do O Capital.....	\$400
elcher Inhofer, —Monarquia jesu-	

...ziche	3500
Anti-Cristo.....	5000
Genealogia da moral.....	5500
Genio Vasco,—Ao Trabalhador Rural —Georgicas.....	\$35
Concepção Anarquista do Sindica- lismo.....	3500
A greve dos inquilinos.....	1500
Wicow.—A emancipação da mu- lher.....	4500
taut e Pouget.—Como faremos a revolução.....	5500
Arfeto de Carvalho,—Notas e co- mentários.....	1550
Bastião Faure,—Doze provas da inexistência de Deus.....	1550
Monta da Fonseca,—Sermões da Montanha.....	10500
Alister.—Sonata de Kreutzer.....	5500
Paulous.—Como se deve educar o espírito.....	5500

vida era de misérias e de lágrimas. Bonhomme deixaste-te martirizar. Jacquesrie vingou-te! Algum dia que nós começámos! Atrevidos, megem até ao fim!...

— Oh! Jacques Bonhomme de durante séculos, repetem Adão e M o punho para o céu num entusiasmo; a Jacquesrie te vingou! outros nós começámos! coragem, meus até ao fim!

Os carrascos ocupados com o suplicio, deixam falar os três campalavras não têm eco na praça; trempe de ferro que eles faziam ardentes chegou a estar em braza, dores exclama:

— Está pronto.

Eni seguida os archeiros en Jacques na plataforma do cadafa aos carrascos. Guilherme Caillet é rado na cadeira colocada por baixo entre os dois cepos de pontas a Adão com as mãos amarradas a pojos dos seus vestidos, salvo a duizados para esses cepos. Um carrrete de lá que cobre os cabelos gris Caillet, enquanto um dos outros at rando com tenazes a trempe em b voltados para cima, encaixa no c dente, o crâneo do velho camponês.

— Eis-te coroado, rei dos Jacque

Guilherme Caillet lança rugidos e seus cabelos flamejam, a sua pele a pressão da trempe de ferro inchados dos outros carrascos levam e Mazurek ajoelhados em frente do

— Meu irmão!... exclama Mah armas, chegando enfim a vencer

Mecânica

Torneiro e Frezador mecânicos
**Descrição dos tornos mecânicos, caracte-
 rísticas e acessórios. Ferramenta do torneiro.**
**Trabalhos do torno. Roscas e parafusos dos
 diversos sistemas, dimensões, tabelas e ope-
 rações de abrir roscas. Movimentos, tornos
 especiais, etc., Máquina de frezar ou freza-
 dores. Sua classificação e descrição. Acessó-
 rios e ferramentas das máquinas frezadoras.**
**Características, trabalhos e transmissões das
 frezadoras, etc., por JOÃO SEQUEIRA DE
 CASTRO.**

1 volume de 320 páginas, encadernado em percalina..... 15\$00

Desenho de máquinas

Utilitários de desenho e sua aplicação, convenções de traços e cores; escalas dos desenhos; cortes e seções; cotas e dimensões; esboços cotados; execução e disposição dos desenhos, aguarelas e tintas; letras, títulos e legendas; projeções e interseções, desenhos ampliados, descrição de diversos metais; exercícios de desenho à vista, desenho rigoroso, indicações práticas e proporções de diversos órgãos de máquinas, tabelas, etc., por TOMÁS BORDALO PINHEIRO.

1 volume de 340 páginas, formato 16x22 encadernado em percalina..... 25\$00

Material agrícola

Matérias primas de construção; conservação do material agrícola; trabalhos cultu-

ais; terra; gente agrícola para a pequena cultura; revolvimento da terra; cultura da planta; colheita; preparação dos produtos; tratamento das plantas; aparelhos agrícolas para a cultura mediana; charrues de reviramento fixo, alternado, duplo, especiais; tração das charruas; máquinas agrícolas para a grande cultura; preparação das terras; lavoura mecânica; debulha; enfardamento de palço; preparação de comida para o gado; elevação de águas; motores agrícolas e transformação de produtos agrícolas, por H. FRANCIS DA SILVA.

1 volume de 270 páginas, encadernado em percalina..... 13\$00

Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor
Gerador de vapor; tipos diversos de caldeiras; detalhes, acessórios e aparelhos auxiliares das caldeiras; nomenclatura de detalhes das máquinas a vapor..... 13\$00

Problemas de máquinas de vapor em geral; diferentes tipos de máquinas de vapor terrestres e marítimas, por ANTONIO JOAQUIM DE LIMA e SILVA
1 volume de 280 páginas, encadernado em percalina..... 13\$00

Problemas de máquinas
Problemas dos mais usuais para a avaliação das superfícies e volumes, com aplicações de princípios de física e mecânica; problemas sobre caldeiras e máquinas de vapor; resistência

ANTONIO JOAQUIM DE LIMA e SANTOS,
1 volume de 400 páginas, encadernado em
percalina. 16\$00

Construção Civil

Acabamentos das construções

Trabalho de coberturas (telhados, tintas, pi-
estques, decorações e ornatos, pintas, pi-
luras, fingimentos, douraduras, colocações
de azulejos, ladrilhos, lambris, pavimentos
e mais trabalhos concernentes ao acaba-
mento de um edificio, por JOÃO EMÍLIO DOS
SANTOS, SEGurado.

1 volume de 340 páginas, encadernado em
percalina. 16\$00

Alvenaria e Canteira

Emprego nas construções das pedras em
geral; paredes e muros de cantaria, alvena-
ria, tijolo, alvenaria de aglomerações; es-
pessura das paredes e sua estabilidade, at-
os e abóbadas, vãos de portas e janelas

Escadas de pedra; chaminés; elementos
ornamentais; trabalho do pedreiro e descrição
da sua ferramenta, etc., por JOÃO EMÍLIO DOS
SANTOS SEGURADO.

1 volume de 380 páginas, encadernado em
percalina..... 13500

Edificações

Descrição de um projecto de uma casa;
indicações gerais sobre edifícios e sua distri-
buição interior; descrições genéricas dos ele-
mentos arquitectónicos das fachadas; bastan-
tes exemplos de projectos de edifícios e resu-
mo da legislação portuguesa e brasileira
concernente a edifícios, por JOÃO EMÍLIO DOS
SANTOS SEGURADO.

1 volume de 260 páginas, encadernado em
percalina..... 13500

Encanamentos e salubridade das habitações

Estado do abastecimento de água, gás e
electricidade. Esgotos, instalações de re-
tretes, urinóis, banhos, fossas, etc., ventilação
e aquecimento das casas, princípios higiêni-
cos a seguir nas construções, por JOÃO EMÍ-
LIO DOS SANTOS SEGURADO.

Assinem OS MISTERIOS DO POVO

blusa gaulêsa, tamancos e bonés de lã. Desprezaram amarrar-lhe as mãos e os pés; Adão e Mazurek passaram cada qual o seu braço sobre o ombro de Guilherme, colocado entre os dois companheiros. Todos os três assim abraçados com a cabeça levantada o olhar intépido, e a marcha resoluta-caminham para o cadafalso.

Um grande número de archeiros que compunha a retaguarda da escolta, espalharam-se pela praça com o arco entezado, e os olhos levantados para as janelas das casas. Uma das janelas abriu-se e em seguida dois dardos lançados por archeiros, partem e desaparecem através da abertura da janela, e um gemido, um grito lugubre se ouve no interior da casa. Os dois archeiros guarnecem de novo os arcos com dardos para executar as suas ordens; era proibido aos burgueses da cidade que habitavam as casas visinhas da praça de apparecerem à janela enquanto durasse o supplicio dos três chefes dos Jacques. Todos os três chegaram perto do cadafalso.

Mahiet, arquejante, com o rosto banhado de suor frio, desesperado à vista d'este espectáculo, sente o seu espirito perturbar-se; julgando-se preso por um sonho medonho. Distingue os rostos ouve mesmo as vozes de Mazurek, Adão e Guilherme trocando o adeus de despedida ao pé do cadafalso, entretanto que sobre a plataforma os carrascos se occupam dos últimos preparativos. Guilherme tomando as mãos de Mazurek e de Adão, exclama com voz forte que chega aos ouvidos do Advogado de Armas:

— Atrevidos, meus Jacques! Coragem até ao fim! Adão tua mulher está vingada! Mazurek nossa Adeline está vingada! os nossos parentes, os nossos amigos abafados e queimados no subterrâneo da floresta de Nointel estão vingados! O carrasco vai torturar-nos, matar-nos, que importa! A nossa morte não fará reviver essas belás senhoras, esses nobres senhores que caíram debaixo dos nossos golpes no meio da tua felicidade! Tiveram uma agonia furiosa, lamentavam a vida, nós não a lamentamos porque a nossa

vira vida de misérias e de lágrimas! Oh! Jacques Bonhomme deixaste-te martirizar durante séculos, a Jacquesrie vingou-te! Algum dia outros acabarão o que nós começámos! Atrevidos, meus Jacques! Coragem até ao fim!...

— Oh! Jacques Bonhomme deixaste-te martirizar durante séculos, repetem Adão e Mazurek levantando o punho para o céu num entusiasmo de feroz exaltação; a Jacquesrie te vingou! outros acabarão o que nós começámos! coragem, meus Jacques! coragem até ao fim!

Os carrascos ocupados com os preparativos do suplicio, deixam falar os três camponeses, de quem as palavras não têm eco na praça; porém quando a trempe de ferro que eles faziam corar nos carvões ardentes chegou a estar em brasa, um dos atormentadores exclama:

— Está pronto.

Eni seguida os archieiros encadeando os três Jacques na plataforma do cadafalso, entregaram-os aos carrascos. Guilherme Caillet é assentado e amarrado na cadeira colocada por baixo do poste levantado entre os dois cepos de pontas agudas; Mazurek e Adão com as mãos amarradas atrás das costas, despojados dos seus vestidos, salvo as bragas, são conduzidos para esses cepos. Um carrasco arranca o barrete de lá que cobre os cabelos grisalhos de Guilherme Caillet, enquanto um dos outros atormentadores, agarrando com tenazes a trempe em brasa, e com os pés voltados para cima, encaixa no círculo de ferro ardente, o crâneo do velho camponês e lhe diz:

— Eis-te coroado, rei dos Jacques!...

Guilherme Caillet lança rugidos de dor atrozes, os seus cabelos flamejam, a sua pele cortada, sangra sob a pressão da trempe de ferro incandescente. Os machados dos outros carrascos levantam-se sobre Adão e Mazurek ajoelhados em frente dos cepos.

— Meiridão!... exclama Mahiet o Advogado de armas, chegando enfim a vencer a onresão que lhe

sufoca a voz, como no meio de um horrível pesadelo, meu irmão!

A este doloroso grito, Mazurek levanta e volta vivamente a cabeça para a janela donde ele partira..., porém no mesmo instante a lâmina do machado dos carrascos, que se abaixa e fere, luz aos olhos de Mahiet. O corpo de seu irmão cai..., a cabeça rola sobre a plataforma do cadafalso que rega com numerosos jactos de sangue.

O Advogado de armas cai tomado duma vertigem, e desfalece.

Mahiet, retomando os sentidos, viu-se livre de seus laços, e estendido na palha numa sala baixa. Um archeiro o vigiava á claridade duma lâmpada. Era noite; retinindo as suas lembranças, como se tivesse recordado dum penível sono, o Advogado de armas lembrou-se da terrível realidade; o archeiro lhe disse que encontrado sem sentidos na sala da torre, pelos escudeiros de Carlos o Mau e transportado para aquele lugar tinha, depois de um grande acesso de delírio, caído numa atonia profunda de que então saía; que as suas armas e o seu cavalo lhe seriam entregues, e que podia deixar Clermont quando quizesse. Mahiet rogou ao archeiro de o conduzir para junto de um dos officiaes do rei de Navarra, com a piedosa esperança de obter a licença para prestar piedosa homenagem aos restos de Mazurek. O príncipe consentiu no pedido do Advogado de armas; este deixou o castelo, dirigiu-se para o lugar do suplicio, e á pálida claridade da lua, subiu ao cadafalso guardado pelos soldados, porque os cadáveres dos três Jacques deviam ainda ficar expostos durante o dia seguinte. Guilherme Caillet tinha sido depois da sua tortura, decapitado, como os seus dois companheiros, as três cabeças estavam expostas nas extremidades dos pau aguçados pregados nos cepos. Mahiet beijou religiosamente a testa gelada de seu irmão..., desceu do cadafalso e bateu com o pé na pequena trempe de ferro que caíra no solo, depois da execução de Guilherme Caillet.

A BATALHA

EDUCAÇÃO

(Tese a apresentar ao I Congresso Confederal, IV Nacional)

Para as crianças anormais devem criar-se escolas especiais, com os devidos corpos docentes especializados em Psiquiatria.

VII—Os corpos docentes devem ser compostos por aptidões e vocações educadoras, selecionadas e apuradas no «Instituto Superior de Ciências da Educação» e onde se procurará verificar, intensificar e educar as qualidades e requisitos indispensáveis a todo o indivíduo que se dedique a função de educador.

VIII—Os corpos docentes devem ser compostos exclusivamente de indivíduos não só especializados nas ciências da Educação, mas também que ofereçam concomitantemente a mais segura garantia de serem aptidões educadoras, aliadas a um indispensável elevado e apaixonado culto pela Arte, pela Ciência e pela Humanidade, — Belo, Verdade e Bem, e possuidoras duma ciência, consciência e ideal sociais.

Só assim a Escola será uma ambiência purificadora e progressivamente educadora; só assim ela será essa ambiência refratária a tudo que seja reacção, conservantismo; só assim ela será o meio propício ao sucesso e cada vez mais intensivo aperfeiçoamento humano, — aperfeiçoamento que a previsão sociológica estabelece para as futuras gerações e colectividades humanas.

IX—O professorado deve, nestes termos, ser seleccionado de modo que sejam excluídos todos os indivíduos:

a) que, por fraqueza mental, idade ou incapacidade de progresso e actividade, persistam na rotina e não manter-se alheios e ignorantes das ciências da Educação e da sociologia.

b) que, por profissão anterior ou educação diversa ou antagónica (seminaristas, padres, militares, etc.) tenham adquirido vícios e estigmas indelevelis, perpetuados num psiquismo profissional de violência e a mostra incompatível com a natureza do Ideal da Educação, — de Paz, de Amor, de Verdade e de Solidariedade.

c) que, por terem falhado em cursos ou outras profissões, se introduziram no magistério, por mera aventura oportunista e não por se encontrarem possuídos e apaixonados pelos ideais da Educação.

d) que, por falta de honestidade e de probidade científicas, fazem do magistério um burocratismo mercenário, contando apenas as horas, transformando mercantilmente a aula num balcão de venda de gêneros avariados e o ensino num «conto do vigário».

X—Ao professorado, reunido nos conselhos, juntas, sindicatos escolares, cumpre resolver todos os assuntos profissionais e pedagógicos.

XI—O professorado, como qualquer outra profissão dentro da Organização Social Sindicalista, deve bastar-se a si próprio e ser exercido em condições tais que cada professor possa dedicar-se exclusivamente a uma só escola ou instituto.

Como se acaba de ler não falta naquela tese um aspecto crítico nem as soluções adequadas à escola de educação e aos seus corpos docentes, tudo colocado dentro das regras científicas e sociológicas, da moderna pedagogia conforme as necessidades de progresso e da vida humana. Resalta, necessariamente, como base de toda a educação infantil a Escola Única.

Já posteriormente à elaboração daquela tese outros estudos foram publicados referentes a tão magna questão e que a mesma dão um valioso relevo.

A Escola Única tem para o proletariado tanto maior valor quanto é certo se a única onde não subsiste a diferenciação de castas nem de classes, a única que não atende só às condições de nascimento e de fortuna dos educandos, antes atende às naturais tendências de cada aluno, predispondo-as todas, em igualdade de circunstâncias, à parte a sua natural capacidade, para o trabalho criador e fecundo.

As suas raízes — diz o ilustre pedagogo, dr. sr. Adolfo de Lima, na interessante revista «Educação Social» n.º 2 de 25-Janeiro-1924 — mergulham profundamente no vasto e ubérrimo terreno onde germina e se desenvolve o ideal humanitário moderno que dá a todos nós a razão da sua existência, do seu inquebrantável trabalho, do seu insaciável estudo. Os seus factores determi-

nantes são tantos quantos são os fenómenos, familiares, artísticos, psico-colectivos, morais jurídicos e políticos, porquanto ela implica e é organizada de harmonia com estas manifestações colectivas, filhas das necessidades vitais do ser humano.

«A Escola Única, visa prolongar e continuar a escola até ao mínimo do saber e educação que todos os seres humanos normais devem possuir conforme as qualidades comuns e gerais da sua natureza. Tem em vista continuar a actual escola primária geral a fim de que todos os indivíduos se coloquem à altura do grau de civilização do actual momento histórico e de uma sociedade progressiva, correspondendo assim às exigências e tendências sociais contemporâneas, de socialização intensiva dos povos, em que o mínimo da educação geral das massas, da totalidade dos cidadãos, da Educação humana tende a elevar-se progressivamente e não compadecer-se já, nem satisfazer-se com a posse dos simples e insuficientíssimos meios de cultura, — o clássico ler, escrever e contar — ou de uma instrução fragmentada e de uma educação superficial.

«A Escola Única é a escola prolongada ou de continuação para todas as crianças até aos 15 anos, idade em que, conforme as aptidões devidamente seleccionadas seguem para as diversas carreiras, ingressando nas escolas preparatórias do tipo humanista ou do tipo científico que lhes abrem as portas das Escolas Técnicas Superiores».

O mesmo ilustre pedagogo, na «Educação Social», de 25 de Fevereiro de 1925, fixa as características próprias da Escola Única, apoiado em opiniões de outros não menos ilustres pedagogistas de renome universal, quando trata da Escola Única, já em actividade em alguns países, para reforçar a concepção moral-social que constitui a sua base.

Assim, na opinião do dr. Raschke citado por Pierre Bovet, a Escola Única tendo a «abolir completamente a rivalidade do ensino popular e do ensino burguês, fundada afinal em preconceitos sociais e privilégios de classes. Isto não significa de modo algum que ela negue a diferença de aspirações e aptidões, pelo contrário, nunca, sem dúvida, a escola pública se aproximou tanto da «escola por medida» como sucede agora nas oito grandes escolas de Viena, em que se faz a experiência da nova organização».

«E Pearson diz: «A posição dos pais e a situação social não devem impedir a criança

de continuar os estudos para que está apta».

«A escola torna-se cada vez mais um lugar de vida universal concentrada de que toda a gente pode participar e da qual nascerá um novo tipo de produção e de economia comum. No conjunto tornar-se-á um órgão educativo único em que o trabalho de cooperação — terá o seu mais alto valor pedagógico».

«Em conclusão, diz o dr. Adolfo de Lima: a Escola Única não cria distinções de classes, não visa formar elite, nem o aristocrático e vultoso dualismo de escola e de grau. Submete todos os seres normais a um tipo único de Educação geral, conforme as qualidades comuns a todos os seres da natureza humana.

«A Escola Única caracteriza-se, pois, sob este primeiro aspecto, pelo reconhecimento tornado realidade, do direito de todos aspirarem a uma educação integral geral, própria da natureza humana e a uma educação especial e profissional, conforme as suas tendências naturais e aptidões livremente geradas, desenvolvidas, exercitadas e aproveitadas», posto que «ela realiza a unidade, a unidade humana, a Escola igualitária do Povo e para o Povo», (Fontegne) no campo com sua granja, na cidade com suas oficinas, no litoral com a pesca e a vida do mar, variando com a região e atendendo à diversidade das condições de vida numa constante prática educativa «pelo trabalho e para o trabalho».

Ora esta escola, embora tenha defensores nos meios intelectuais, que não parecem que jamais terá uma prática realização se se confiar apenas na acção do Estado. Quasi sempre estas inovações são obra da iniciativa particular. As conclusões da tese do Congresso da Covilhã davam atribuições às Unões de Sindicatos para aquele efeito, como se vai ver:

XII—O Congresso convida as Unões de Sindicatos a fundar, organizar e pôr a funcionar desde já, dentro dos limites das suas possibilidades:

a) Escolas primárias de Educação integral sob o tipo-modelo de Escolas-Oficinas ou Escolas de Trabalho, para educação geral e especial dos filhos dos seus associados.

b) Institutos de Educação (tipo de Universidades Populares) a fim de:

1.º—Ministrar uma Educação aos indivíduos adultos que por quaisquer circunstâncias não frequentam a escola.

2.º—Suprir a Educação que a Escola, mercê da sua má organização e maus métodos, não dá ainda hoje, — criando nos indi-

viduos uma ideologia, indispensável à vida e progresso social.

3.º—Completar o ensino da Escola, dando uma Educação a aqueles que as condições e desigualdades económicas não permitiram que continuassem os seus estudos.

4.º—Alegar e intensificar a educação geral daqueles que, todos entregues às preocupações das suas especialidades científicas profissionais, para que as suas aptidões livremente exercidas os chamaram, não podem, à mingua de tempo, acompanhar, dia a dia, todos os progressos, toda a evolução de ideias gerais e fundamentais das ciências e artes respectivas técnicas, que não são objecto dos seus estudos habituais e profissionais.

5.º—Suprir a título precário a educação incompleta daqueles que por deficiência orgânica intelectual não puderam seguir total e regularmente e nos seus diversos e sucessivos ciclos, uma educação escolar.

6.º—Acompanhar através de toda a vida aqueles que por deficiências mentais são incapazes duma auto-educação, e que, terminado o período da escolaridade, carecem, para seu aperfeiçoamento, duma acção magistral constante.

7.º—Festas educativas e nomeadamente espectáculos scenicos da índole do denominado Teatro Livre.

Estas conclusões, como toda a restante tese, em nossa opinião, deverão ser plenamente ratificadas por este Congresso.

Tão só se nos afigura ser necessário ter em consideração as possibilidades de ordem financeira para levar a efeito, por parte das Unões, tão úteis empreendimentos!

Enquanto, porém, não os poderem efectivar, a organização não poderá ser alheia às tentativas e iniciativas que visem aqueles ou a alguns daqueles objectivos.

A tese da Covilhã terminava por uma nota, segundo a qual a organização podia «aceitar a colaboração de indivíduos e de instituições de natureza científica artística na execução daqueles empreendimentos desde que os princípios fundamentais e ideais da doutrina sindicalista sejam respeitados e se ofereçam todas as garantias de lealdade e honestidade de intenções».

Temos entre nós instituições educativas daquele género, (Universidades Populares, Livres, etc., e teatro Livre-Juvenil) que carecem de apoio moral, pela frequência, do proletariado a fim de se consolidarem e desenvolverem.

Está também em vias de organização uma nova instituição, da iniciativa da A. P. P. — Liga de Acção Educativa — cuja acção, se

não tiver intuitos meramente nacionalistas e que obedeça a um largo critério de rejuvenescimento dentro dos princípios fundamentais que presidiram à ideia originária da sua fundação, perfeitamente compatíveis com o espírito da tese da Covilhã, bem poderá igualmente ser vitalizada pelo directo concurso do proletariado organizado.

Conclusões

1.º—O Congresso delibera ratificar a aprovação da tese sobre Educação apresentada ao Congresso da Covilhã.

2.º—O Congresso, atendendo a que os organismos centrais locais carecem de recursos financeiros para realizar os objectivos constantes das conclusões da tese do Congresso da Covilhã, convida os grandes centros, pelo menos, a nomear comissões especiais encarregadas de promover por todos os meios honestos e dignos a angariação de receitas destinadas a esses fins para apressar a sua realização, mesmo com o concurso de todas as entidades extra-sindicais que na mesma obra queiram colaborar.

3.º—O Congresso convida os organismos confederados a desenvolver uma propaganda tendente a levar o maior número de operários possível à frequência das Universidades populares, teatro livre, etc., de carácter social e cientificamente educativos, influyendo, sem espírito de intromissão, para que aquelas instituições correspondam o melhor possível às necessidades de educação popular.

4.º—O Congresso decide que na C. G. T. seja organizado, logo que as circunstâncias o permitam, um Secretariado da Educação especialmente encarregado de orientar a obra educativa dentro dos princípios expressos na tese Educação do Congresso da Covilhã.

5.º—O Congresso decide mais que a C. G. T. colabore com todas as entidades que de algum modo se proponham realizar insofismavelmente no todo ou em parte a obra constante da tese da Covilhã, devendo, no segundo caso, esforçar-se porque o seu espírito fundamental seja respeitado.

Manuel da Silva Campos, Carlos Maria Coelho, Lúcio Costa, Luís Gonzaga, Joaquim de Sousa, Manuel H. Rijo, Manuel Nunes, Manuel Joaquim de Sousa, relator.

PÁGINAS ALHEIAS

Contra o burguês

—O mundo é uma pança enorme. E neste mundo existe este Deus: o Burguês. Foi ele que criou o Mundo. Foi ele que criou a Moral social, a Justiça, o Direito, o Altruismo, a Ciência, o Bom Senso, a Psicologia, a Lógica, a Honra. Devemos ser gratos a este Deus que nos explora, mas que criou o Mundo.

O burguês criou a Moral social.—A moral das sociedades actuais é uma moral de classe — é a moral dos interesses dos ricos. Não é uma doutrina de resgate humano: é um sistema de defesa egoísta, é a coalizão dos exploradores contra os explorados; a conspiração tácita dos que têm contra os que não têm. Sendo assim, é evidente que o crime mais vergonhoso é o roubo. Isto é: só se permite um único roubo — o roubo que a Mão executa quando se transforma em Capital — explorando o miserável operário, a costureira doente, o desgraçado escravo das minas. Esse crime é justo, é legítimo, é razoável, porque acrece a indústria das nações e não inspira o respeito das potências. Mas quando o roubo é a Mão desarmada que se transforma no único recurso para a Vida, então é ver com o Ladrão máximo clama, e fala nos sustentáculos da sociedade, na Ordem, na necessidade eterna do Castigo! São extremamente justos esses honestíssimos bandidos.

O burguês criou uma patologia nervosa.—Quando um homem se sente intimamente revoltado contra o «statu quo» da sociedade de actual, que é um equilíbrio entre a ferocidade egoísta dos poderosos e o seu desejo de estabilidade, ele é imediatamente como «um doente nervoso». São, os que se sujeitam à tirania sem um único murmúrio de lastima nem um grito de protesto. O domador, quando chega a domesticar o tigre deve achá-lo soberanamente saudável. As criaturas de bom senso são feras domesticadas pelo burguês e o mundo um jardim zoológico em que as bestas trabalham para o dono.

—Chama-se bom senso a qualidade do que aceita tudo o que está como bom.

—O burguês é o antipoda do Apolo de Belveder. Mas desmaia por ele todas as Vênus de Milo.

—A arma do Homem de génio é o Imprevisto; a arma do Burguês é o Logar comum.

—O Logar comum é a força mais poderosa da terra. Só se escarnecem os lugares comuns que passam a não ser comuns para o comum das gentes.

—Chama-se temperamento social aquele que pode viver na sociedade — burguesa. — Quando o burguês fala ao pobre, refere-se sempre com desprezo às questões «do miserável dinheiro». Mas é a custa desta miséria que ele prospera e que ele engordara.

O burguês criou uma filosofia.—Devesmo desprezar os motivos sentimentais. «As Academias e os Bancos, a Ciência e as Contas Correntes» — eis o que vale. — Tudo se faz por uma evolução lenta; portanto só é prática o que não pode mudar muito a ordem do mundo — isto é, o que nem sequer nos chega a molhar as solas das botas». E por fim, como razão suprema: «as coisas são o que são».

Quando lutarmos nós, meus irmãos roubados, para que as coisas sejam o que não são?

O burguês tem um critério de valor.—Só vale o que pode trocar-se em dinheiro; as coisas só importam na medida em que se podem industrializar... Tudo o mais, poesia, arte, eloquência, coisas que os pobres usam para esquecer que têm fome...

O burguês despreza o sentimento.—O sentimento é o mais terrível inimigo dos interesses capitalistas. Por isso o ideal do burguês seria fazer almas que não soubessem chorar.

Conclusões: O burguês é a criação mais sublime do estúpido e a réusite mais ideal da vulgaridade.

Raúl PROENÇA.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

As ceifas em Cabeço da Vide

CABEÇO DE VIDE, 15.—A fim de evitar a falta de trabalho, que no passado ano se verificou por ocasião das ceifas, pois os lavradores contrataram pessoal noutras localidades, pagando-lhe muito melhor que aos raros trabalhadores daqui que admitiram, o sindicato respectivo enviou uma circular-proposta aos lavradores, que foi aceite pelos seguintes:

Luís Frade Almeida, Marciano José Baptista, Joaquim Emílio da Piedade Vás e João da Costa Frade.

Os restantes não atenderam o sindicato por já terem ceifeiros contratados na Beira.—C.

ACABA DE SAIR O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1500.

Pedidos à administração de A Batalha. A revolução Social e o Sindicalismo Por Arkimof. Preço \$50.

SOLIDARIEDADE

Joaquim Carreiras recebeu do Sindicato da Construção Civil da Amadora a quantia de 13290 proveniente duma quete aberta nas obras do Manicômio Miguel Bombarda para custear as despesas do funeral de seu filho João Soares Carreiras ex-co-brador do mesmo sindicato.

—A quantia recebida por José Filipe e César de Castro, produto de uma quete tirada nas oficinas da Parceria dos Vapores Litbonenses, é de 114\$55, e não de 14\$55, como por lapso noticiámos, e mais 7\$00 de um grupo de camaradas.

HORARIO DE TRABALHO

Canteiros e Polidores de Mármore

Reiniram os militantes desta especialidade da construção civil resolvendo nomear fiscais ao horário de trabalho.

Os nomeados reuniram-se sexta-feira, pelas 21 horas, devendo trazer os seus retratos a fim de lhes serem passados os cartões.

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

«Educação Social»

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit.—R. dos Retreiros, 125—LISBOA.

Cuidado com os falsários

Um aviso do camarada mexicano

Henrique Flores Magon

O conhecido revolucionário mexicano Henrique Flores Magon, irmão do anarquista Ricardo Flores Magon, falecido há poucos anos numa penitenciária norte-americana por falta de tratamento, fez publicar na imprensa revolucionária o seguinte aviso:

«Por casualidade chegou às minhas mãos a circular duma «Liga Mexicana Pro-Presos», desta cidade, na qual, escrito à máquina, aparece o meu nome assinando tal documento como membro do «comité» organizador juntamente com o dum tal Rafael Carrillo, e ao pé de ambos, como secretário, assina Ella G. Wolf, que supponho ser a mulher do aventureiro Wolf que foi à Internacional Vermelha — que os bolchevistas mantêm em Moscú — como instrutor para introduzir no campo operário mundial a sua política ditatorial — dizendo-se audaciosamente representante dos trabalhadores organizados mexicanos, sem que tal representação tivesse sido dada na realidade a ninguém, e muito menos a semelhante indivíduo.

Indagando os motivos, porque o meu nome figurava num documento que me era desconhecido, soube que os membros do partido comunista desta localidade, procurando prestígio para a sua desbotada bandeira de impostores, lembraram-se de me roubar o nome e a carta, ensaiaram um jovem, para que eu ficasse sustento que se chama Henrique Flores Magon, e o que é pior, dizer que é meu sobrinho e está em relações íntimas comigo — quando eu não sei quem deitou ao mundo esse fedelho que me é perfeitamente desconhecido.

Para evitar que os camaradas sejam enganados por esse bando de falsários do partido comunista, faço constar: 1.º, que nunca puz o meu nome em documento algum desse bando de furtivos-nomes, nem os autorizei a usá-lo, porque nunca me fiz solidário de intrujões.

2.º, Que o jovem que usa nome idêntico ao meu é um falsário vulgar, sem direito sangüíneo a usar esse nome.

3.º, Que não tenho (exceptuando os meus filhos) nem um só parente varão que tenha direito a usar o apelido Flores Magon.

4.º, Que não querendo tomar parte em disputas entre operários que me impedem fazer chegar a minha propaganda entre os que não conhecem as minhas ideias, não estou filiado na Confederação Regional Operária Mexicana e muito menos nos impostores que formam o grupelho de zangãos políticos intitulado partido comunista.

5.º, Que torno a afirmar os meus princípios comunistas-anarquistas e desautorizo todo o documento assinado com o meu nome pelos intrujões que se escondem na chamada «Liga Mexicana pro-presos».

Este incidente vem pôr em destaque mais uma vez, a má fé e a impostura predominantes nos partidos comunistas de todos os países.

Na Rússia, por exemplo, atraíram a revolução, matando os soviets do povo para substituí-los por outros que são centros políticos bolchevistas; perseguiram os anarquistas e todos os que não são bolchevistas, assassinando uns, desterrando para a Sibéria outros, e fazendo, à semelhança de Porfírio Diaz, grandes concessões aos capitalistas estrangeiros; além de terem já implantado de novo o odioso sistema capitalista que a revolução quasi tinha exterminado.

A! erta, camaradas, com os falsários! Trabalhadores: é preciso não vos deixardes surpreender por esses «rouba-nomes»!

H. Flores MAG ON

Pelo Sul e Sueste

Um perseguidor

Em consequência da última notícia aqui publicada sobre o perseguidor do pessoal da via fluvial do Sul e Sueste, temos a acrescentar hoje que o ex-camarada Gouveia se aproveitou da ida do fogueiro André Sanches, à doca, buscar um documento para a presidência ferroviária, para maltratar dizendo-lhe entre outras coisas que o que precisava era apanhar com o cavalo marinho que ele possuía!

Chega a ser pasmoso... Então o ex-camarada já se não lembra quando andou a aliciar camaradas seus por correr da doca o então encarregado marítimo sr. Porto.

Note que o sr. Porto nunca fez o que o sr. Gouveia tem feito aí, pois por qualquer futilidade, ameaça os seus colegas de ontem e mete-lhes arguições nas mãos para eles responderem.

Porque não meteu nas mãos de seu filho uma arguição, quando ele maltratou com palavras o guarda da câmara do vapor Traz-o-Montes?

Pois olhe que ele o insultou à frente de passageiros. Ora veja se trata de arrear caminho, porque os caminhos de ferro não lhe saíram em rifa, percebe?

De contrário temos que recorrer a outro expediente e tratarmos do caso junto do director dos Caminhos de Ferro, a fim de evitar que o sr. Gouveia esteja a proceder para com o pessoal da via fluvial como qualquer roceiro procede para com os pretos em Africa.

Entendido?... Um ferroviário.

Núcleo de Defeza Sindicalista dos Empregados no Comércio e Indústria

Reúnem hoje, pelas 20,30 horas na Calçada do Combro, 38-X, 2.º, os camaradas que assistiram à reunião onde foi resolvida a criação deste organismo e aqueles que não tendo assistido concordem no entanto com ele.

INTERESSES DE CLASSE

Federação Ferroviária

Uma comissão desta Federação procurou ontem o ministro do Comércio, mas foi recebida pelo chefe do gabinete a quem entregou uma reclamação do pessoal ferroviário da Beira Alta acerca das perseguições ultimamente ali exercidas contra elementos que fazem parte do sindicato.

A mesma comissão ficou de entregar hoje umas reclamações de carácter geral e de assentar o dia definitivo em que o ministro a receba a fim de ser convenientemente esclarecido sobre diversos assuntos ferroviários pendentes deste organismo.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 11 desta revista intitulada «El Hijo de Nadie», de Frederico Urales. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

A SAINT BARTHELEMY

A comemoração desse crime da igreja romana

Comemorando a data sangrenta de 24 de agosto de 1572, a matança dos huguenotes em França, vai a Associação do Registo Civil realizar, na sua sede, na próxima segunda-feira, uma sessão em que usará da palavra os drs. sr. Albino Vieira da Rocha, António Ferrão e Agostinho Fortes, devendo presidir o dr. sr. Mazalhões Lima.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comissão Organizadora do Congresso

Reúne hoje, às 20 horas.

COMUNICAÇÕES

Federação Mobiliária. — Comissão Administrativa. — Na sua reunião de ontem, apreciou a exposição a entregar ao ministro da Justiça sobre o trabalho nas prisões, a qual lhe será entregue ainda esta semana. Oficiou a vários camaradas de Coimbra procurando interessá-los pela vitalidade do sindicato mobiliário local. No mesmo sentido oficiou ao Comité de Propaganda Confederal de Coimbra.

Resolveu instar por uma resposta breve do Sindicato do Porto acerca duma provável Conferência Mobiliária em Santarém. Ocupou-se ainda de vários assuntos de ordem administrativa.

Ferrovários do Sul e Sueste. — A comissão de melhoramentos dos ferroviários do Sul e Sueste vai hoje a Casa Branca, Beja e Faro, apresentar o trabalho efectuada e discutido na última assembleia do Barreiro sobre aumento de vencimentos para o referido pessoal, pois que desde Agosto do ano passado em que entregou às entidades competentes as ditas reclamações não obteve uma resposta.

Federação da Construção Civil. — A comissão administrativa do «Construtor» resolveu pedir aos que levaram cotas para auxílio do jornal a prestarem contas, hoje e na próxima sexta-feira.

Descarregadores de Mar e Terra. — Reúnem a assembleia geral em 17 do corrente, nomeando: Isidoro dos Santos, presidente; Carlos Rodrigues e Artur da Silva, 1.º e 2.º secretários; João Pires, vogal; e Joaquim Tomé Lopes, delegado interno da classe, enquanto estiver preso Júlio da Anunciação.

Verberou-se a atitude incorrecta de um sócio para com um representante da casa Norton.

Debate-se a questão da escala, entregando-se o caso à comissão administrativa para o estudar, apresentando depois o resultado a uma assembleia.

Resolveu-se que no serviço de carvão mineral se nomeie um sócio para marcar, de preferência quem esteja impossibilitado para o trabalho.

Aprovou-se um requerimento para que o delegado à Federação Marítima expusesse os motivos que levaram o Conselho federal a suspender as suas relações com a C. G. T. Devido ao adiamento da hora ficou o assunto para ser tratado noutra sessão, que se realizará depois de amanhã às 20 horas.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

Federação da C. Civil. — O Conselho Federal às 21 horas.

Federação de C. Couros e Peles. — Conselho Federal. — Pelas 21 horas para se ocupar da crise de trabalho e da importação de calçado.

Comissão Administrativa. — Pelas 21 horas.

Federação dos Empregados no Comércio. — A Junta Sul, às 21 horas.

S. U. C. Civil. — Conselho Técnico. — Pelas 17,30 horas a Comissão Administrativa.

Secção de Palma. — A assembleia geral às 21 horas.

Secção do Alto do Pina. — A assembleia geral, às 20 horas, para nomear delegados ao congresso e outros assuntos.

Secção da Charneca. — Pelas 21 horas, a assembleia geral.

Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa. — Pelas 19 horas, em assembleia

geral, a fim de tratar de assuntos de interesse para a classe e apreciar as «denúncias» da Comissão de Melhoramentos.

Trabalhadores em Carnes Verdes. — A assembleia geral, pelas 21 horas, sendo a ordem dos trabalhos a seguinte:

1.º Apreciação do novo regulamento do horário do trabalho e a nomeação de delegados à sua fiscalização; 2.º Apreciação e aprovação dos relatórios e contas da direcção e conselho fiscal da gerência do ano de 1924 e do 1.º semestre do corrente ano; 3.º Eleição dos corpos gerentes para o restante ano de 1925.

Operários Municipais. — Pelas 21 horas, para tratar, entre outros assuntos, do aumento de salário.

Foguetiros de Mar e Terra. — A assembleia geral, pelas 18 horas, para resolver a atitude a tomar ante a desconfederação da Federação Marítima e nomear delegados ao Congresso Confederal.

Sindicato Unico Metalúrgico. — Secção de Belem. — A assembleia geral desta secção, pelas 20,30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Nomeação de 2 delegados ao conselho técnico; 2.º Preenchimento dum cargo vago na Comissão Administrativa; 3.º Apreciação do relatório e contas do 1.º semestre; 4.º Vários assuntos.

Em virtude de ser a 2.ª convocação, em vista da importância dos assuntos a tratar a Comissão Administrativa espera que todos os metalúrgicos desta secção compareçam a esta assembleia, à qual deve assistir um delegado do Sindicato.

DIAS PRÓXIMOS:

Encadernadores e Anexos. — Reúnem no próximo domingo, às 15 horas, em assembleia geral com a seguinte ordem dos trabalhos: